

O ASPEAMENTO EM RESPOSTAS DE QUESTÃO INTERPRETATIVA- ARGUMENTATIVA

THE USE OF QUOTATION MARKS IN THE ANSWERS OF INTERPRETATIVE-ARGUMENTATIVE'S QUESTIONS

Ana Maria da Silva¹

Resumo: Subsidiado nos pressupostos da linguística textual e enunciativa, este estudo tem por objetivo identificar as funções do aspeamento no gênero resposta de questão interpretativa-argumentativa, verificando em que situação, por que ele ocorre e como se constitui, por conseguinte, em uma forma de heterogeneidade mostrada. Para isso, toma-se como *corpus* de análise textos de alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola particular, produzidos a partir da leitura do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto e da música *Todo Carnaval Tem Seu Fim*, de Los Hermanos. O estudo aponta que o aspeamento não é neutro, visto que permite perceber a polifonia de enunciadores utilizada para a elaboração da argumentação. Isso possibilita a visualização de uma intertextualidade explícita imprescindível para a coerência textual marcada pelo dialogismo ou “dialogização interna do discurso” que se formula pelo discurso da música nas situações interpretativas-argumentativas expostas, evidenciando a heterogeneidade mostrada. Consequentemente, é perceptível que respostas que não trazem o aspeamento como recurso gráfico, não causam o mesmo efeito de sentido que as outras.

Palavras-chave: resposta de questão interpretativa-argumentativa; aspeamento; heterogeneidade mostrada; responsividade.

Abstract: Subsidized in the enunciative and textual linguistics assumptions, this study aims to identify the use of quotation marks in the answers of interpretative-argumentative questions' genre, verifying in which situation, why it occurs and how it is constituted, therefore, in a way of shown heterogeneity. To do so, the *corpus* is composed by texts of the third year of High School students, from a private school, produced from the reading of *Triste Fim de Policarpo Quaresma* novel, written by Lima Barreto, and *Todo Carnaval Tem Seu Fim* song, from Los Hermanos. This study shows that the use of quotation marks are not neutral, once it allows to notice the enunciators' polyphony used in the argumentative elaboration. This allows the visualization of an explicit intertextuality indispensable to the textual coherence, marked by the dialogism or “internal dialogization of discourse”, which is formulated by the song's discourse in interpretative-argumentative situations exposed, pointing the shown heterogeneity. Consequently, it is perceptible that the answers which do not bring quotation marks as a graphic recourse do not cause the same meaning effect that the others.

Key-words: answer of interpretative-argumentative question; quotation mark; shown

¹ Universidade Estadual de Maringá. sabino.ana@hotmail.com

heterogeneity; responsiveness.

Considerações iniciais

Esse trabalho trata-se de um estudo sobre gênero textual², ou nesse caso, também, gênero discursivo, e que, portanto, abarca um viés de observação de uma das capacidades comunicativas. Tem sua importância justificada na verdade de que é a partir da relação dos sujeitos por meio da linguagem que se depreendem seus modos de expressão, intenção e valores em relação ao outro³. Neste estudo, trabalha-se com uma das formas de heterogeneidade mostrada e isso é relevante, pois como afirma Authier Revuz (1990, p. 29)

totalmente outro é o ponto de vista linguístico da descrição das formas de heterogeneidade mostrada no discurso, através das quais se altera a unicidade aparente da cadeia discursiva, pois elas aí inscrevem o outro.

Ao considerarmos o outro, portanto, consideramos as relações pessoais já referidas que sustentam as esferas sociais das quais dependemos. Assim, ao tratar-se sobre gênero, na perspectiva bakhtiniana, é feita a referência ao trabalho de “interconexão da linguagem com a vida social” (FIORIN, 2006, p. 61), isto é, o gênero textual ou discursivo – se pensar em algo pragmaticamente estabelecido – é aquilo que se manifesta linguística e discursivamente e de forma real nas várias esferas da sociedade.

Nesse sentido, por se tratar de um discurso, define-se, por conseguinte, em um enunciado e

esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo de atividade humana não só por

² O termo gênero textual é proveniente das teorias de ensino de línguas e diz respeito ao trabalho realizado com a materialidade textual em sala de aula. Já o termo gênero do discurso, original da teoria bakhtiniana, refere-se ao texto em sua esfera social de origem, na qual se faz natural.

³ Apropriamo-nos do termo *outro* proveniente da linguagem bakhtiniana, que se refere ao interlocutor, podendo ser outro sujeito ou a própria consciência do locutor.

seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p.261).

Dessa forma, todas as manifestações verbais são dialógicas⁴ e todo discurso verbal validamente qualitativo envolve um evento na vida e essa situação social é tratada por Voloshinov/Bakhtin, em *Discurso na vida, discurso na arte*, como situação pragmática: “situações sociais não são aplicáveis de fora para dentro (..) formações ideológicas são intrinsecamente, imanentemente sociológicas” (1976, p.2), isto significa que o discurso em si – no caso, a palavra, manifestada em enunciado⁵, que necessita de uma contrapalavra – não pode ser compreendido por si própria, já que o pragmatismo encontra-se, portanto, no extraverbal, como confirmam os autores:

A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados, deste contexto, perdem quase toda sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá estes enunciados. (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1976, p. 6).

Assim, qualquer texto, verbal ou não verbal, oral ou escrito, precisa estabelecer relação com fatos cotidianos da vida do leitor para serem compreendidos e interpretados, pois fazem parte de um todo organizado num meio social, possuindo um estilo de linguagem própria, “está vinculado a um domínio de atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades” (FIORIN, 2006, p. 62).

Tratando-se, especificamente do gênero resposta de questão interpretativa-argumentativa, e tendo-se definido o viés de análise e conceito

⁴ O dialogismo é um fenômeno discursivo (oral ou escrito) que ocorre entre sujeitos inseridos em uma situação real de comunicação, não necessariamente espacial e temporalmente delimitados.

⁵ O enunciado consiste na unidade de comunicação discursiva oral ou escrita que traz consigo, pragmaticamente, uma significação, ou seja, um todo que faz sentido em uma circunstância (BRAIT & MELO, 2007). Consequentemente, todo enunciado é dialógico (FIORIN, 2006).

de gênero que aqui se apropria, esse trabalho recupera, em princípio, o conceito desse gênero; em seguida, discute a função de um dos aspectos que circundam a capacidade comunicativa do gênero – lingüístico discursiva, as aspas; e, por último, analisa-se a função desses aspectos em produções de textos em sala de aula.

O gênero textual resposta de questão interpretativa-argumentativa: uma recuperação conceitual de responsividade e dialogismo

Antes de atermo-nos às funções das aspas em respostas de questão interpretativa-argumentativa, é preciso aprofundar e delimitar alguns conceitos referentes a idéia de gênero textual, visto que, se assim for considerado, será possível visualizar o aspeamento enquanto parte constituinte desse gênero.

O conceito de gênero textual, já esgotado e bem definido, porém ainda pouco entendido no Brasil, tem sua origem etimológica alicerçada nas teorias bakhtinianas que previa que enunciados socialmente estabelecidos são formados por um tema, por um estilo próprio e por uma estrutura. Assim, gênero textual, expande-se a ser qualquer sistema de comunicação realizado a partir de um sistema semiótico que tenha por função transmitir uma mensagem a outrem.

Para entender melhor, é preciso recorrer à teoria proposta por Bronckart, na vertente teórica do interacionismo sociodiscursivo, no qual entende-se todo gênero como passível de entendimento e produção se respeitadas as condições de produção de sentido. As condições de produção do gênero estão relacionadas aos elementos constitutivos do texto, que são essenciais para o início do processo de compreensão, tendo em vista que a interação leitor-texto só ocorre quando se tem um gênero determinado: quem fala, para quem fala, o porquê da enunciação e como se fala. Neste último, tem-se ainda a preocupação sobre o estilo lingüístico do gênero, que é um aspecto constitutivo do processo de identificação e análise lingüística dos elementos componentes do gênero, entendendo que só é possível compreender, inferenciar, interpretar,

reter se houver decodificação e entendimento dos termos e do estilo linguístico do todo verbal. Assim, o extraverbal só pode ser alcançado a partir do verbal, em qualquer situação dialógica.

Pautados nessa referência teórica, Silva e Menegassi (2009), em “o gênero resposta interpretativa em situação de vestibular”, constataram que esse gênero é uma prática de linguagem instaurada no ambiente escolar, esfera social na qual se concretiza. No entanto, o problema que se ressalta diz respeito à sua definição, ou seja, a sua caracterização linguístico-enunciativa. Portanto, com o intuito de contribuir para o esclarecimento em relação a caracterização do gênero, os autores descrevem e analisam respostas de questão interpretativa-argumentativa em situação de vestibular⁶. A pesquisa⁷ definiu que as respostas se constituíam por uma capacidade comunicativa específica e os textos que mostravam melhor interpretação, obtendo uma maior nota, traziam, como elementos interpretados, fragmentos aspeados. Ou seja, o candidato atribuía àquela situação uma necessidade de fazer uso da palavra do outro, isto é, do texto que interpretava para validar a sua responsividade ao comando de produção.

Sobre os estudos bakhtinianos que englobam especificamente a questão da responsividade e do dialogismo⁸ no discurso escrito, Menegassi (2008) afirma que, para que uma resposta seja eficientemente respondida, é preciso que se compreenda um enunciado⁹. E, arraigado a essa ideia, está a influência do extraverbal, tendo em vista que a compreensão de qualquer texto ocorre mediante a inserção de um sujeito em um discurso em uma determinada situação. Portanto, o espaço, o conhecimento e a avaliação da situação em comum entre os interlocutores do discurso (escrito ou falado) são intrinsecamente responsáveis pela compreensão.

Dessa forma, a compreensão do enunciado demonstra-se pela

⁶ Vestibular de Verão 2008 da Universidade Estadual de Maringá.

⁷ Vide referências.

capacidade de o indivíduo, de forma ativa e responsiva, responder a ele, entendendo-se como contrapalavra toda resposta que se origine no discurso do outro embora esse outro tenha se orientado primeiramente em função de seu interlocutor (MENEGASSI, 2008). Visivelmente, reitera-se a influência da situação externa a esse diálogo na compreensão e formulação desse enunciado, tanto que, para Menegassi (2009), o dialogismo que se instaura no discurso escrito é sempre determinado pela presença do outro, ou seja, “tratar do caráter responsivo nas práticas de linguagem implica em pensar no papel fundamental que (...) o interlocutor socialmente situado exerce nos processos de interação verbal” (p. 3)

Além do caráter compreensivo, a responsividade deve ser entendida pelo dialogismo inerente a ela, que diz respeito à possibilidade de réplica que o interlocutor passa a ter. Assim, é preciso considerar que essa resposta pode ocorrer de maneira distinta, pois, apesar de todas essas possibilidades serem determinadas pelo outro, ela pode ser principalmente: I) compreensão responsiva ativa; II) compreensão responsiva silenciosa; III) compreensão responsiva de efeito retardado. A primeira consiste na resposta imediata a um enunciado; já a segunda não é imediata, embora ocorra em alguma situação posterior após a reelaboração mental do discurso do outro, enquanto a terceira situa-se em um tempo e uma situação deslocada, isto é, há compreensão, entretanto, ela não ocorre de forma ativa e imediata, mas sim, em um momento posterior, após a reflexão e o uso do que se compreendeu durante a interação verbal.

Dessa maneira, percebe-se que a responsividade está estritamente ligada à interação verbal que, como já mencionado antes, é entendida por Bakhtin (2006 p.116) como “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. Nesse tocante, a interação social é simultaneamente interação verbal, visto que é umas das formas mais evidentes de comunicação

entre indivíduos ou a troca de verdades¹⁰ entre estes, de outra forma senão por meio do verbo, da palavra, da linguagem oral ou escrita a ser compreendida.

Essa compreensão, bem como a ação de enunciar algo para que o dialogismo ocorra, instaura-se e concretiza-se socialmente por meio e em forma de gêneros discursivos, são questões discutidas por Bakhtin e seu Círculo. Definidos esses conceitos, passemos ao levantamento das funções das aspas, elementos constitutivos da heterogeneidade instaurada na resposta de questão interpretativa-argumentativa.

A função das aspas: um levantamento teórico

O aspeamento em um texto tem por função indicar os limites discursivos entre o que se diz e o que é dito sobre o que se diz. Em contrapartida, sob a ótica de Benites (2002, p. 61), ao nos depararmos com o uso das aspas em citação, temos “um procedimento típico do discurso direto” que tem por função, nesse caso, evidenciar de forma gráfica a heterogeneidade do texto, permitindo “delimitar a voz alheia dentro do discurso assumido pelo locutor que cita”. Assim, corrobora-se a tese, a partir daqui assumida e apropriada de que, por meio disso, pode ocorrer, portanto, a inscrição do outro no discurso – seja ele escrito ou falado – bem como a de um outro discurso no discurso, interdiscurso (AUTHIER-REVUZ, 1990 p. 26), marcando o dialogismo.

Esse último conceito é com o qual nos deparamos nesse trabalho, em virtude de o aspeamento ser uma das formas¹¹ de heterogeneidade mostrada, ou dialogismo determinado pela resonsividade. Assim, marca-se o discurso do outro no texto, isto é, do externo que é apropriado pelo interior e transformado, estabelecendo distanciamento. Por isso, “a zona de 'contato' entre exterior(es) e interior que mostra marcas de distâncias num discurso é profundamente

¹⁰ De acordo com Faraco (2006), Bakhtin, ao se referir à polissemia ou ao plurilingüismo dialogizado, considera que há, a cada situação de interação verbal, uma luta social pelas verdades sociais.

¹¹ As outras formas de heterogeneidade mostrada, isto é, a inserção de um "outro na sequência do discurso" pode ocorrer por meio do “discurso direto, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25).

reveladora deste discurso” (ALTHIER-REVUZ 1990, p. 31).

Nessa perspectiva, as funções que as aspas podem operar em um texto, se elencam em:

- Isolamento de palavras ou expressões, frases ou textos;
- Indicação de mudança de foco discursivo numa palavra, frase, texto ou expressão para passagem de um discurso próprio ao citado;
- Destaque de palavras estrangeiras;
- Realce de termos, expressões, conceitos e definições que precisam ser postos em evidência, ou por mera escolha do autor;
- Marcação de expressões ou palavras irônicas, em sentido figurado e termos populares;
- Destaque de títulos de livros, revistas, jornais filmes.

Exceto em relação ao uso de aspas para destaque de títulos de livros, revistas e outros, em todos os outros aspectos em que esses elementos notacionais desempenham função, há marca de intertextualidade. De acordo com Sant’anna, 2007, a intertextualidade é um fenômeno no qual um texto origina e é originado a partir da existência de outros textos com os quais dialoga, retoma, alude. Esse fato confirma a ideia de Koch (1997, p. 46), de que “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”.

Passemos, então, a análise dos usos de aspas em respostas para entender como e porque eles se dão na prática. Além disso, na observação subsequente de respostas de questão interpretativa-argumentativa, serão conceitos de polifonia e dialogismo/responsividade.

A função das aspas: análise de respostas de questão interpretativa-argumentativa

A análise comparativa, a partir da teoria de dialogismo proposta por Bakhtin, os conceitos da Linguística Textual, especificamente sobre intertextualidade, e a formulação de uma descrição de uma das formas de

heterogeneidade mostrada, busca compreender como se dá materialização da interpretação em textos de alunos do Ensino Médio. Após a leitura do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*¹², de Lima Barreto, os alunos ouviram a música *Todo carnaval tem seu fim*¹³, de Los Hermanos. A partir disso, foi-lhes apresentado o seguinte comando de produção:

A partir da leitura da música “Todo carnaval tem seu fim”, de Los Hermanos, escreva uma resposta interpretativa para a pergunta: a postura social de Ninguém José e Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, são confluentes?

Esperava-se que, ao afirmar ou negar a confluência das personalidades, os textos trouxessem marcas que comprovassem tal afirmativa. O texto abaixo, resposta I, afirma que as personalidades dos sujeitos não são confluentes.

Texto I

A música traz a ideia de um “ninguém José” como um cidadão já conformado, fato que fica evidente em “toda trilha é andada com fé de quem crê no ditado”. Além de transformado, o tal “José” se esquiva do novo, prefere viver a tal rotina de sua vida pra sempre, o que é percebido no trecho “mas o dia insiste em nascer”, trazendo a ideia de que o dia nascer (trazendo algo novo) é algo péssimo, comprovado com o uso do “mas”. Enquanto o Major Quaresma se mostra uma pessoa que, embora impulsionado por todos a ceder sobre seus dogmas nacionalistas, ele não se deixa levar, muda para mudar a perspectiva de nacionalismo no Brasil, ao contrário do “Ninguém José”. Essa grande diferença entre o comportamento deles pode ter como parâmetro a parte da música que diz “toda escolha é feita por quem acorda já deitado”, pois embora as ideias de Quaresma sejam divergentes das de José, Quaresma também

¹² Vide anexo 1

¹³ Vide anexo 2

acorda deitado, mas diferente de José sua escolha é de revolucionar. Assim, suas personalidades não são confluentes.

Nesse primeiro texto, o aluno faz uso do aspeamento para certificar a idéia interpretada. Ao afirmar que as posturas sociais não são confluentes, são trazidos fragmentos da música que puderam elaborar tal interpretação. A função do aspeamento, no entanto, extrapola o teor de subjetividade argumentativa, sendo utilizado, também, para fazer referência ao personagem Ninguém José. Além disso, todas as vezes que se traz o nome José, escolheu-se aspear, porque o texto é um espaço para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e a de uma alteridade a que o fragmento ou palavra remete. Isto significa que ao aspear o nome “José”, o autor se apropria e resignifica o substantivo próprio, referindo-se não apenas ao “Ninguém José” da música, mas a algum José formado em sua consciência. Passemos a um outro exemplo de resposta, que também não acredita na confluência dos personagens, mas que traz um uso diferenciado das aspas.

Texto II

A música “todo carnaval tem seu fim” traz um personagem chamado “ninguém José” que não é confluyente ao Major Quaresma de Lima Barreto. Em trechos como “toda rosa é rosa porque assim ela é chamada”, nós podemos identificar um sentimento de conformismo na vida do “ninguém José” que não é presente na vida do Major Quaresma.

Outro ponto que diferencia os dois personagens é “todo dia um ninguém José acorda já deitado”. Esse trecho mostra que o ninguém José acorda descontente e sem um desejo de mudança, diferente do personagem de Lima Barreto, que busca todos os dias fazer algo pela sua sociedade.

Por fim, a música traz a frase “e põe suas estrelas no azul”, o que pode ser interpretado como um sentimento nacionalista em

relação a bandeira nacional no caso de Major, ou como uma crítica ao ‘ninguém José’ por eleger “estrelas” como representantes do mar azul de ignorância em que vivemos.

Nesse texto, assim como no anterior, a argumentação da interpretação é sustentada pelo uso dos fragmentos que são trazidos aspeados como referência do que se interpretou o que se afirma. No entanto, o uso das aspas também se dá, no último parágrafo, para marcar uma metáfora elaborada de forma irônica ao aspear a palavra “estrelas”, referindo-se aos políticos. Já no texto abaixo, observa-se apenas afirmações interpretativas, sem as exemplificações dos fragmentos, ou seja, não se traz os fragmentos aspeados.

Texto III

Existe uma certa ligação entre o Major Quaresma do livro de Lima Barreto e José Ninguém da música de Los Hermanos. O zé ninguém descrito na música é uma pessoa sem importância perante a sociedade. Como Major Quaresma, ninguém as dá o devido valor que merecem, pois eles tem grande contribuição para sociedade.

Tanto o livro quanto a música faz duas críticas a sociedade e ao povo brasileiro, fala da apatia e do desânimo das pessoas, crítica que nós não fazemos absolutamente nada para reverter esse quadro e que aceitamos tudo calado e sem reivindicar.

A leitura do sujeito que afirma a existência da confluência entre as duas personalidades é perfeitamente aceitável, visto que em alguns momentos, elas realmente podem ser parecidas. No entanto, não são trazidas marcas para certificar tal leitura.

Para pensarmos nos estudos do dialogismo no viés de análise desses textos, temos que pensar na teoria enunciativa do discurso proposta por Bakhtin (2006) de que o dialogismo se instaura pela interação entre o locutor, o interlocutor e o texto. Assim, cada citação de partes da música, torna-se um discurso em outro discurso que se resignifica.

Nesse caso, os fragmentos da música não só constitui o tema

(conteúdo) das respostas, mas o forma enquanto estrutura, o que se explica pela responsividade. Em função disso, "não é a enunciação monológica individual e isolada, mas na interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo" (BAKHTIN, 2006, p. 149).

É possível afirmar, portanto, que o dialogismo ocorre nas repostas pela interação do enunciado elaborado pela professora em relação ao comando e a própria atitude enunciativa de responder ao comando. O ponto de heterogeneidade mostrada é um outro discurso e o aspeamento ocorre a cada parágrafo seguinte ou interior a ideia entendida e reformulada. Ao mesmo tempo que o aspeamento marca o distanciamento do enunciador para o que está sendo enunciado, o que se enuncia é intrínseco ao que foi lido e isso está individualmente marcado pela individualidade de leitura.

Como percebe-se, no texto I e II, o aspeamento ocorre para marcar os fragmentos pelos quais se comprava a interpretação. Com exceção de um momento no texto II, no qual o aluno usa a palavra “estrelas” aspeado para marcar ironia em relação aos representantes políticos. O objetivo do aluno é usar os fragmentos como instrumento de comprovação da ideia e objeto de interpretação, visto que são ‘pinçados’ só os fragmentos sobre os quais ele comenta. Além disso é perceptível que o uso de aspas ocorre para marcar o título da música e referência aos nomes dos personagens.

Já sobre a falta do aspeamento no texto três, é observável que a leitura da interpretação leitora do aluno fica comprometida. Não podemos entender, ou focalizar o que ele está analisando e de fato qual foi o ponto de confluência identificado nos personagens lidos e analisados.

Junto às aspas é válido lembrar os verbos delocutivos que as acompanha. Esses verbos aparecem nos textos de algumas maneiras, tais como verbos introdutórios “**desviados**” (MAINGUENEAU, 1996, p.113) em “**fica** evidente em”, ou “o que **é percebido** no trecho”, ou “em trechos como...”. Depois temos os verbos de expressão introdutória “**dicendi**” (MAINGUENEAU, 1996, p.113) como: “...na parte da música que **diz**”; e verbos que são

“**incisos**” (MAINGUENEAU, 1996, p.115) como: “...nós podemos **identificar**”.

Assim, as funções do aspeamento aqui observadas, organizam a expressão e demonstram que

A expressividade de determinadas palavras não é uma propriedade da própria palavra como unidade da língua e não decorre imediatamente do significado dessas palavras; essa expressão ou é uma expressão típica de gênero, ou um eco de uma expressão individual alheia, que torna a a palavra uma espécie de representante da plenitude do enunciado do outro como posição valorativa determinada. (BAKHTIN, 2003, p. 295).

O valor que se atribui ao texto I e II se deu, justamente pelo uso que se tem a argumentação interpretativa mostrada pelos fragmentos apresentados. Esses, por sua vez, tão servem de objeto de análise como de argumentos para sustentar a leitura feita.

Nesse caso, a polifonia se instaura, pois há a interação do texto analisado e este tem sua voz/palavra trazida para constituir uma contrapalavra.

Considerações finais

A partir da análise dos textos foi possível perceber que o aspeamento nunca é neutro, pois comprova-se a estratégia de posição face ao discurso relatado, resultando, nesse caso, da necessidade de comprovar a leitura feita das correlações entre o personagem Quaresma e o “ninguém José”, de Los Hermanos. Além disso, as aspas não confere ao texto um caráter objetivo, isto é, não constata objetividade, como se pensa, pois é, sim, uma emissão de um valor de juízo sobre o que se comenta, sobre o fato e sobre o que se manifesta.

O uso das aspas permite perceber uma polifonia de enunciadores, tomados pelo locutor “aluno” que apresenta uma informação pela qual se responsabiliza a partir do que o outro diz. O ato de aspear possibilita a visualização de uma intertextualidade explícita imprescindível para a coerência textual. Marca o dialogismo ou “**dialogização interna do discurso**” que se formula pelo discurso observado na música nas situações interpretativas expostas.

Assim, a responsividade é marcada pelo atendimento ao comando de produção e também pela manutenção do diálogo na cadeia de textos oferecidos e possibilitados para a escrita da resposta. A heterogeneidade instaurada pela inserção dos fragmentos da música conferem as respostas uma argumentação mais elaborada e que cumpre com a função de certificação do objeto interpretado.

Ao verificar em que situação o aspeamento ocorre, cumprimos um dos objetivos iniciais. As aspas foram utilizadas para certificar as afirmações das respostas, ocorrendo com a finalidade de operar argumentativamente, constituindo-se como mecanismo de heterogeneidade mostrada.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). Campinas: Unicamp, 1990.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M.M. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENITES, S.A.L. Contando e Fazendo a História: a citação no discurso jornalístico. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.
- KOCH, I.G.V. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 1997.
- MAINGUENEAU, D. Elementos de linguística para o texto literário. São Paulo: Martins Fontes 1996.
- MENEGASSI, R.J. Exauribilidade temática no gênero discursivo. In SALEH, P.; OLIVEIRA, S. (orgs). *Leitura, escrita e ensino de língua em debate*. Ponta Grossa: UEPG, 2009 p 4.
- MENEGASSI, R. J. Responsividade e Dialogismo no discurso escrito. In: NAVARRO, P. (org) *O Discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Paulo: Clarez, 2008. 135 – 148.
- SILVA, Ana Maria. O gênero resposta interpretativa em situação de vestibular. 2009. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -

InterteXto	Uberaba	UFTM	v. 4 n. 1	p. 19-33	2011 – jan. / jul.	ISSN 1981-0601
------------	---------	------	--------------	----------	--------------------	----------------

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

VOLOSHINOV, V.N; BAKHTIN, M.M. Discurso na vida, discurso na arte sobre poética sociológica. (1926). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. *In: VOLOSHINOV, V.N. Freudism*. Trad. I.R. Tiotunik. New York: Academic Press, 1976. (Circulação para uso didático).